

Terra Brasilis

## Terra Brasilis (Nova Série)

Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

7 | 2016

Élisée Reclus e a Geografia dos Novos Mundos

---

## O Brasil e a colonização

Diário de Pernambuco

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1931>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.1931

ISSN: 2316-7793

### Editora:

Laboratório de Geografia Política - Universidade de São Paulo, Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

### Refêrencia eletrónica

Diário de Pernambuco, « O Brasil e a colonização », *Terra Brasilis (Nova Série)* [Online], 7 | 2016, posto online no dia 09 dezembro 2016, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/1931> ; DOI : 10.4000/terrabrasilis.1931

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

---

# O Brasil e a colonização

Diário de Pernambuco

---

## NOTA DO EDITOR

O presente artigo publicado no *Diário de Pernambuco*, em suas edições de número 223 e 224, de setembro 1862, trazia em suas páginas uma extensa análise aos escritos de Élisée Reclus para a *Revue des Deux Mondes*, intitulados “O Brasil e a colonização”.

A crítica ao artigo de Reclus publicada no jornal pernambucano é extensa e minuciosa e se constitui, até onde pudemos levantar, na primeira análise aos escritos de Élisée Reclus no Brasil, fazendo uma série de referências a diversas passagens da publicação original. Cabe destacar que estes artigos de Reclus, publicados em 1862 na revista francesa e criticado pelo jornal recifense, só seriam traduzidos ao português quase 150 anos após a publicação original, no ano de 2011, graças ao trabalho editorial de Plínio Augusto Coelho, que traduziu e publicou os artigos em livro<sup>1</sup> homônimo.

Desconhecido ainda do grande público, fazia poucos anos que Élisée Reclus havia começado a se dedicar ao trabalho de geógrafo. Foi somente após seu primeiro exílio e retorno da experiência nas Américas, ocorrida em meados da década de 1850, que Élisée passou a se dedicar a escrita de textos geográficos. Foram seus textos publicados na *Revue des Deux Mondes* e sua participação na *Société de Géographie de Paris* – na qual foi aceito como membro em julho de 1858 – que lhe deram os primeiros destaque como geógrafo, mas, certamente, o que conferiu a Reclus o prestígio, do qual passaria a gozar junto a comunidade científica internacional, a partir da década de 1860, foram seus trabalhos realizados junto a editora Hachette.

Na *Revue des Deux Mondes* Reclus colaborou com 33 artigos, entre os anos de 1859 e 1868, sendo 20 destes especificamente sobre questões relacionadas ao continente americano. Os escritos de Élisée para a revista abordavam temas que ele conhecia com alguma proximidade. Os três anos que passou trabalhando como tutor em uma fazenda de algodão no sul escravagista dos Estados Unidos da América (1853-1856), ou o período de quase dois anos (1856-1857) em que realizou uma incursão pela Nova Granada – atual Colômbia – lhe permitiram escrever uma série de artigos para a revista a partir de sua

vivência, uma vez que percorreu aquelas terras com o intuito de se estabelecer ali como um colono.

A referencia ao artigo de Reclus sobre o Brasil em um jornal do império contudo não era um fato isolado e acidental. A *Revue des Deux Mondes*, publicada na França, era uma revista de ampla circulação e que tinha como leitores políticos e intelectuais brasileiros. O acesso a *Revue des Deux Mondes* se estendia também para além dos gabinetes oficiais, cópias da revista estavam disponíveis para o público em geral em espaços como o Gabinete Português de Leitura e no Gabinete Literário, ambos em Pernambuco, a Biblioteca Pública da Bahia, a Biblioteca Fluminense e o Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro. Por isso, não surpreende que a matéria *O Brasil e a colonização*, tenha sido publicada no *Diário de Pernambuco* em Recife poucos meses após sua publicação na revista francesa, uma vez que a capital da província contava com ao menos dois espaço literários em que se encontravam disponíveis a *Revue des Deux Mondes*. Além disso, o jornal *Diário de Pernambuco*, de propriedade de Manoel Figueiroa de Faria, era uma espécie de órgão oficial do governo provinciano, trazia em suas páginas análises políticas, econômicas e anúncios de toda a província de Pernambuco bem como as principais notícias do império e do exterior.

O artigo contudo, planejado para ser publicado em 3 partes, acabou sendo publicado de forma parcial, sem a publicação da última parte – conforme indicado ao final da edição de número 224 do jornal recifense. Por conta disto, as conclusões finais e a assinatura do texto se perderam, o que não prejudicou a compreensão da crítica.

Transcrevemos aqui o artigo do *Diário de Pernambuco* por entendermos que se trata de um importante documento aos estudos que buscam compreender como se deu a recepção das ideias de Élisée Reclus no Brasil.

Adriano Skoda

## I

- 1 Sob este titulo publicou a *Revista dos Dous Mundos* nos seus numeros de 15 de junho e 15 de julho ultimo dous longos artigos que chamam naturalmente a nossa attenção.
- 2 Não nos póde ser indifferente o que se escreve e se pensa a respeito do nosso paiz e das nossas cousas na parte mais civilizada do velho mundo; e se por ventura nos é licito desprezar as invenções ridículas e os aleives grosseiros que enchem os livros e os escriptos de charlatães improvisados em viajantes observadores da nossa terra, indispensavel se torna refutar os erros que se podem passar como verdadeiros apadrinhados pelo prestigio ou de um nome de autor conhecido, ou de uma publicação periodica justamente apreciada.
- 3 A *Revista dos Dous Mundos* está neste caso: é um periodico estimado dos sabios e dos litteratos, é um dos mais considerados órgãos da imprensa de Paris; quasi sempre escolhe com esmero os artigos que publica, e portanto as noticias que espalha, as ideias que propaga, produzem mais ou menos impressão no espirito dos seus leitores, que se contam por milhares.
- 4 Assim, pois, era para nós mais do que simples satisfação de curiosidade, era um dever a leitura desses dous artigos assignados por Elisée Reclus, porque embora não estivessem apadrinhados por um nome deslumbrante na republica das lettras, tinham por si o reflexo do prestigio do periodico que os estampava nas suas paginas.

- 5 Abrimos com empenho a *Revista dos Dous Mundos*; mas infelizmente logo na introdução, logo no primeiro periodo do trabalho do Sr. Elisée Reclus achamos fundamentos seguros para duvidar do bom resultado do seu estudo e da justeza das suas apreciações.
- 6 As fontes principaes, as decididamente preferidas pelo Sr. Elisée Reclus, as fontes elle bebeu quasi todas as informações que serviram de base ao seu trabalho, foram, o Sr. Elisée Reclus o declara, as obras do Sr. Avé Lallemand e do Sr. Biard, os *Reise durch Sud-Brazilien im Jahre 1858*; *Reise durch Nord-Brazilien im Jahre 1859* do primeiro e *Deux années au Brésil* pelo segundo, isto é, a obra da maledicencia e a da ingratidão, ou a do alieve e do charlatanismo.
- 7 Para o Sr. Elisée Reclus, o Sr. Avé Lallemand é um viajante que pertence a essa pleiade de sabios que tem elevado as viagens á altura de uma missão social; e o livro do Sr. Biard está cheio de observações engenhosas e de desenhos que são obras primas de verdade.
- 8 Fazendo tal juizo dos escriptos dos dous viajantes, era impossivel que o Sr. Elisée Reclus deixasse de tornar-se muitas vezes écho dos aleives e das falsidades de um, e das estravagantes, imaginarias e ridículas observações do outro.
- 9 E é isto tanto mais para sentir, quanto mais devemos dizê-lo, o Sr. Elisée Reclus enuncia bons principios, e parece desejoso de procurar a verdade; mas desditosamente o seu trabalho tem um vicio original, nasceu das fontes envenenadas.
- 10 Nós temos já conhecimento das obras dos Srs. Avé Lallemand e Biard, e sabemos o que ellas valem, como deve saber o governo quanto nos custou a do primeiro.
- 11 O Sr. Avé Lallemand escreveu animado sempre de má vontade contra os Brasileiros, e onde pôde achar occasião de ferir-nos, desvirtuando os factos e calumniando as intenções, não hesitou em fazê-lo. Entendeu lá para si que era patriotismo allemão o indicio de profunda sabedoria ver nos filhos desta pobre terra algozes dos seus patrícios, e nos costumes do nosso povo as expressões de quasi selvaticuezas; misturou aleires com algumas observações verdadeiras, vestiu uns e outros com as galas de um estylo agradável, escondeu a peçonha no meio de flores, e julgou perfeitamente cumprida a sua santa missão.
- 12 Da obra do Sr. Avé Lallemand um único proveito pôde ser colhido pelo Brasil: é o fructo da lição da experiencia que ensinará o nosso governo a escolher melhor os seus viajantes estipendiados.
- 13 Quanto ao Sr. Biard, aceitamos a palavra de que se serviu o Sr. Elisée Reclus para qualificar as observações desse viajante: o Sr. Biard é um – turista engenhoso ;– mas engenhoso de máu gosto; porque é de máu gosto a manifesta jactancia de ingratidão daquelle que confessa os favores que recebeu, e morde as mãos que o favoreceram; que recorda a pratica da mais nobre hospitalidade, e ri e zomba do hospede que o recebeu debaixo do tecto. O Sr. Biard é daquelles visitantes que inventam quando não podem ver, e falsificam o que vêem; mas não tendo como o Sr. Avé Lallemand um estylo que o recommende, vingou-se dessa superioridade do seu emulo, falsificando com o pincel depois de falsificar com a penna. As estampas que ornam o livro do Sr. Biard, estampas que o Sr. Elisée Reclus considerou obras primas, são muitas vezes caricaturas insultuosas, ou quadros–engenhosos de um turista diffamador.
- 14 Não nos doem, não nos affligem as observações veridicas, nem as justas censuras dos abusos de alguns costumes ridículos, e praticas reprehensiveis que se observam, não só no interior do paiz, como ainda nas nossas mais populosas cidades: a crítica, a censura são

- em tal caso muito aproveitáveis, com ellas vem a luz da civilização, com ellas vem os melhoramentos, com ellas ganha o paiz e ganha o povo. O que nos indigna é a falsidade que nos insulta, emprestando-nos vícios e até crimes, de que não podemos ser acusados.
- 15 Agora mesmo acabamos de lêr *O Imperio do Brasil – Monographia completa do Imperio Sul-Americano*, de Baril, conde de La Hure, obra em cujo ultimo capitulo se enxontram algumas observações criticas sobre certos costumes da população do interior do nosso paiz, e nem de leve nos ressentimos do que escreveu o autor desse livro, porque reconhecemos o justo fundamento das suas reflexões; mas entre o conde de La Hure e Avé Lallemand e Biard ha uma distancia de verdade dos homens do embuste.
  - 16 Demoramo-nos lembrando os escriptos dos Srs. Avé Lallemand e Biard para tornar menos dolorosos ao Sr. Elisée Reclus os graves erros que commetteu, e as injustas apreciações que fez nos seus dous artigos estampados na *Revista dos Dous Mundos*; mas esta consideração não o absolve de tudo, porque o homem que se julga habilitado para escrever sobre uma materia, deve assumir a responsabilidade das proposições que enuncia, da historia que conta, e dos factos de que se suppõe sabedor; deve ter pelo menos criterio bastante para escolher as fontes das suas observações, e para não confundir Ferdinand Denis com Biard, ou o principe Maximiliano com Avé Lallemand.
  - 17 Entretanto não seremos demasiadamente severos com o collaborador da *Revista dos Dous Mundos*, devemos dar-lhe meio perdão ao menos de um duplo erro que tambem commerremos; tambem o nosso governo acreditou facilmente no criterio do Sr. Avé Lallemand, e tambem nós julgamos digno de consideração o Sr. Biard.
  - 18 Estudaremos pois, embora não tão largamente como poderíamos fazê-lo, examinaremos sem ressentimento e com frieza o trabalho do collaborador da *Revista dos Dous Mundos*.
  - 19 O Sr. Elisée Reclus dividiu as suas observações que intitidou O Brasil e a Colonização em dous artigos: no primeiro tomou por objecto “A bacia do Amazonas e os Indios” no segundo “As provincias do litoral, os negros e as colonias alemães”.
  - 20 Em ambos esses artigos e especialmente no ultimo, são frequentes os erros de historia, de geographia e de topographia do paiz, e sem que tomemos a peite aponta-los todos, não nos esqueceremos de mencionar alguns á medida que formos discutindo os diversos pontos.
  - 21 Precede a materia dos dous artigos um período de introducção, sobre o qual adiantaremos agora mesmo algumas breves considerações.
  - 22 A guerra civil que se acha travada nos campos da confederação norte-americana traz com uma viva anxiedade o pensamento do Sr. Elisée Reclus a considerar todos os paizes da America em que ainda existe a escravidão, e muito especialmente o Brasil, nas circumstancias e na historia do qual acha este escriptor muitos pontos de semelhança com as dos Estados-Unidos.
  - 23 Acreditamos como o Sr. Elisée Reclus, que o resultado da luta terrivel que rebentou na grande confederação americana póde ter immensa influencia sobre os destinos do imperio brasileiro: mas entre os pontos de analogia que o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* encontrou nos dous paizes, protestamos desde já contra a expansão que se póde das á sua proposição sobre os Indios.
  - 24 É verdade que em um e outro desses vastos territorios o Europeu conquistador penetrou no interior, levando diante de si o Indio, é verdade que no Brasil o colono fez do indio seu escravo; é verdade que o nosso gentio experimentou tormentos indizíveis em uma

peregrinação violenta e cruel. Mas é verdade também, cumpre dizê-lo, que desde meados do século XVIII a escravidão do gentio cessou, e a proteção a essa gente infeliz foi um preceito da lei, e não se conservou como systema o extermínio do gentio, a guerra quasi sem quartel aos miseros selvagens.

- 25 Nos Estados-Unidos essa pratica não foi considerada como um crime.
- 26 Podem-se entre nós apontar abusos e violencias de que mesmo ainda hoje estejam sendo victimas alguns indios; mas esses abusos são crimes diante da lei, e se muitas vezes escapam impunemente é que a espada da justiça não pôde facilmente chegar a esses longinquos e occultos retiros onde a prepotencia assim alça o collo.
- 27 Limitamo-nos a esta simples reflexão por ora; provavelmente acharemos ensejo para tornar a este assumpto, no qual nos encontraremos com o Sr. Elisée Reclus.
- 28 O período de introdução dos artigos a que aludimos, termina com os mais pomposos elogios aos Srs. Avé Lallemand e Biard. Deixemos o Sr. Elisée Reclus na sua suavissima illusão a respeito das suas duas preciosas fontes até ao próximo numero, em que discorreremos sobre o seu primeiro artigo.

## II

- 29 O Sr. Elisée Reclus dá princípio ao seu primeiro artigo, o da Revista dos Dous Mundos de 15 de junho, fazendo uma divisão de norte e sul do Brasil que não pode ser admittida, e que nem mesmo aproveita as ultimas consequencias que elle pretende deduzir das suas observações.
- 30 Para o Sr. Elisée Reclus é o cabo de S. Roque o ponto divisor do norte e do sul do Brasil, e por esse modo ficariam sendo provincias do sul do imperio o Rio Grande do Norte, a Parahyba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, que aliás pertencem ao grande grupo das nossas provincias septentrionaes, tendo assim sido consideradas desde o tempo do Brasil colonial, sempre que a metropole julgou dever crear um governo geral separado para as capitancias do sul.
- 31 Em divisão tão arbitraria não vemos a conveniencia de se sacrificarem idéas estabelecidas, na historia do passado, e aceitas e firmadas no espirito da população.
- 32 Mas determinando, como dessemos, o seu ponto divisor do norte e do sul do Brasil, o Sr. Elisée Reclus informa que embora mais vizinhas da Europa, as provincias do Ceará para o Norte tem sido menos favorecidas pela civilização européa, que parece parar diante do magnífico estuario do Amazonas.
- 33 Não lembrariamos esta reflexão do collaborador da Revista dos Dous Mundos, reflexão que não deixa de ser bem fundada, mas que se pode referir ainda a outras provincias, se não tivessemos de fazer notar que na comparação das diversas capitaes das provincias erige elle a Parahyba, em capital do Piahy, fazendo assim descer da sua cathegoria a Theresina.
- 34 O escriptor francez penetra no magestoso Amazonas, e extasiado com razão ao contemplar tantas maravilhas de uma natureza colossal, triumpho em breve do próprio assombro, e começando uma rapida descrição, encontra nas florestas das margens do grande rio o páu-brasil e o cafeseiro de mistura com outras arvores, que realmente ali crescem.

- 35 Estes e outros erros indicam que o Sr. Elisée Reclus não tem os necessários conhecimentos para escrever sobre um paiz que nunca visitou, e a respeito do qual proferiu os peiores livros para beber luzes que não tinha. E como não queremos agora insistir em inexactidões desta ordem, limitar-nos-hemos a lembrar mais tres erros que commetteu o escriptor francez, e que neste momento nos vem a memoria: elle chama *piranga* a *piranha*, peixe bem conhecido e que abunda em alguns rios do norte, e em uma nota lembra-se de fazer derivar do allemão *toschauer* ou *zuschauer* o nome *tucháuas*, chefe de indios; e peor que tudo isso, ignora o que seja a *língua geral* fallada pelos indios, e a que elle chama especie de língua franca formada de palavras de origem guarani, e ensinada pelos jesuitas aos paes dos selvagens do Amazonas.
- 36 O collaborador da *Revista dos Dous Mundos* entra nas duas questões capitaes do seu primeiro artigo e discorre sobre os indios e sobre a colonisação.
- 37 Tratando dos indios, começa por estudar a estatistica da população das provincias do Pará e Alto-Amazonas, e acertando quando a não considera lisongeira, erra quando a reduz a 256,000 almas, devendo eleva-la a 350,000.
- 38 *A base da população amazoniana*, diz elle em seguida, *se compõem de indios, a que se tem dado o nome geral de Tapuyas*; mas não observa que naquella estatistica não entram numerosas tribus desses indios; e isso era tanto mais necessario quanto é certo que em suas considerações o Sr. Elisée Reclus confunde de um modo lamentavel as tribus errantes com os Indios aldeados ou em relação com o homem civilisado.
- 39 Não pertencemos ao numero daquelles que ainda louvam o barbaro systema das *bandeiras* e da escravidão ou da perseguição do gentio; mas realmente o Sr. Elisée Reclus pecca por exagerado quando proclama a *bondade e doçura entrenecedora* dos Tapuyas: os Indios das florestas são o que podem ser em sua extrema selvaticueza, e longe estão de primar por bondade e doçura: a santa causa da humanidade não precisa embellezar o selvagem para servi-lo.
- 40 Feitos estes reparos, declaramos com franqueza e prazer que estamos de accordo com o autor do artigo da *Revista dos Dous Mundos* a respeito de quasi todas as suas idéas sobre o gentio do Amazonas.
- 41 Pensamos, como elle, que abusos lamentaveis, e uma incuria desastrosa, tem dado causa a emigração de muitas hordas de Indios do Amazonas para as terras das republicas vizinhas, e que essas emigrações são da maior insonveniencia para o Brasil.
- 42 Pensamos, como elle, que o nosso governo não se tem esforçado, como deve, no empenho da catechese e da conquista civilisadora do gentio, necessidade palpitante do paiz, que não póde dispensar tantos braços vigorosos, e que tão uteis seriam.
- 43 Pensamos, como elle, que o gentio poderia dar-nos a melhor das colonisações para o Amazonas, se com vontade forte, esforço constante, paciencia e caridade chegássemos, e isso é possível, a arrancar do seio das florestas e aldear essas hordas numerosas que muito contribuiriam para a riqueza futura das provincias ribeirinhas do grande rio.
- 44 Vejam embora nestas idéas uma utopia, um sonho irrealisavel, alguns ou muitos homens que testemunhando o poder da força humana domando os mais ferozes animaes, ainda assim não admittem que se chegue a catechisar e aproveitar o indio selvagem! Vejam-o embora, nós acompanharemos nesse ponto o Sr. Elisée Reclus, e pediremos ao governo brasileiro que reflecta seria e demoradamente sobre tão grave e tão importante assumpto.

- 45 Passando a tratar da colonização e dos trabalhos e empenho empregados para leva-la ás terras do Amazonas, o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* torna a cahir em evidente exageração, partindo de um principio até certo ponto verdadeiro.
- 46 Com effeito é uma verdade que as terras mais septentrionaes do Brasil são menos favoraveis que as do sul aos colonos europeus, e especialmente aos colonos do norte da Europa, e isto perfeitamente se explica pela grande differença do clima; ainda assim porém é levar a exageração além de todos os limites dizer que os emigrantes do velho mundo, chegando as margens do Amazonas, acham logo um tumulo no solo que apenas comecem a cultivar.
- 47 O Sr. Elisée Reclus tira esta terrivel conclusão do que diz ter se observado em algumas colonias, e cita por exemplo a de Nossa Senhora do Ó, onde, conforme as informações que teve, de cento e cincoenta colonos allemãos que alli foram recebidos, raros foram os que escaparam com vida ás molestias que se desenvolveram logo depois da estação em que costumam baixar as aguas, e a colonia recebeu assim um golpe fatal, embora o seu fundador ainda acaricie o seu sonho de colonização.
- 48 O quadro é sem duvida horrível; mas felizmente encontramos no relatório das terras publicas e da colonização de 1861 esclarecimentos que desmentem o lugubre painel do Sr. Elisée Reclus:
- Esta colonia (a de Nossa Senhora do Ó), diz o relatorio, foi fundada em 4 de maio de 1855 pelo cidadão José do Ó de Almeida, sendo para ella adoptado o systema de arrendamento e de parceria.
- A sua população consta de 52 homens e 55 mulheres, sendo maiores 71 e menores 36, casados 20, solteiros e viuvos 67, ao todo 107. Destes colonos 101 são brasileiros, 3 portuguezes e 3 suissos.
- Os empregados da colonia são um medico, um pharmaceutico, um capellão e um guarda-livros.
- Possue um engenho de assucar, distillação de aguardente, serraria de madeira. Tem além disto uma capella e 22 casas para os colonos.
- 49 Além desta informação, temos ainda a do relatório de 1857, que nos diz:
- O cidadão José do Ó de Almeida, havendo recebido dos cofres provinciaes por emprestimo a quantia de 8:000\$, attrahiu para a ilha das Onças algumas familias da provincia do Cearã, e alguns colonos portuguezes, formando uma pequena colonia com 188 pessoas, das quaes teem falecido 15, ausentando-se 57 e nascido 1.
- 50 O relatório de 1858 diz a respeito da mesma colonia:
- A população que em dezembro de 1856 contava de 16 pessoas, no fim de 1857 se elevou a 119, sendo 10 Portuguezes, 5 Suissos e 104 Brasileiros, dos quaes 26 eram naturaes do Pará.
- 51 Como differem estes esclarecimentos dos que apresentou o Sr. Elisée Reclus!... onde está a peste que devorou perto de 150 colonos allemães?... Se uma tal desgraça sobreviesse deixaria ella de ser mencionada nos relatórios a que nos referimos?...
- 52 Mas ainda temos cousa melhor, e agora o Sr. Elisée Reclus poderá apreciar o merecimento e a consciência do Sr. Avé Lallemand.
- 53 Quando o Sr. Avé Lallemand visitou a colonia agricola militar estabelecida perto de Obidos, diz o collaborador da *Revista*, achou-a provida de numeroso estado-maior, porém somente com dous colonos.
- 54 Ora, a informação do famoso viajante estipendiado pelo nosso governo refere-se, cremos nós, ao anno de 1858, e no relatório da repartição geral das terras publicas e da



colonização apresentado em 1859, e por consequencia relativo ao anno de 1858, encontramos o seguinte:

Colonia de Obidos. – Segundo as ultimas informações prestadas pelo director, o pessoal desta colonia se compõe do mesmo director, do sub-director, do facultativo, do capellão, do almoxarife, de um feitor apontador, de 23 colonos militares, de 132 paísanos; mas a sua população vae a 242 indivíduos, contando-se as famílias dos empregados, 28 aggregados, 30 escravos e 3 Africanos livres.

- 55 Refere ainda o Sr. Elisée Reclus que em 1854 uma tentativa de emigração levou ao Pará 470 Portuguezes, dos quaes tres annos depois apenas 60 estavam com vida.
- 56 Outro quadro horrível! Mas vejamos a verdade: em 1854 diversos emperezarios do Pará obtiveram do governo daquella provincia um emprestimo, obrigando-se a introduzir nella e a empregar nos seus estabelecimentos ruraes ou fabris 450 colonos. Em 1855 apenas dous desses emperezarios tinham feito chegar procedentes de Portugal 100 colonos, nenhum dos quaes se conservou no estabelecimento que os recebera, porque todos preferiram rescindir os seus contratos de locação de serviços e procuraram outros destinos!
- 57 E eis ahi a historia de 390 colonos mortos em tres annos inventada pelos informantes do Sr. Elisée Reclus.
- 58 Não queremos insistir mais nestes pontos, em que ainda por vezes teriamos de encontrar o Sr. Elisée Reclus bem distante da verdade, ou muito em opposição a ella.
- 59 Mas como é certo que a companhia da navegação do Amazonas perdeu cabedal, tempo e trabalho procurando estabelecer nas margens do Amazonas colonias que não vingaram; como é tambem certo que outras têm sido abandonadas por emigrantes e colonos europeus, devemos explicar as causas de semelhantes factos, para que algum outro os não attribua á desolação, á miseria e á morte; e ainda bem que uma voz poderosa e cheia do prestigio da experiencia poderá neste caso fallar por nós.
- 60 Eis o que diz o Sr. Barão de Mauá no seu relatório que em 1851 apresentou á assembléa geral dos accionistas da companhia de navegação e commercio do Amazonas:

A grande questão da colonização, Srs. accionistas, que aliás importa um interesse brasileiro de primeira ordem, carece ainda de muito estudo para ser satisfactoriamente resolvida; a própria riqueza das magnificas regiões amazonas é um obice, por assim dizer, insuperável á realização do estabelecimento de nucleos coloniaes. Não basta termos terras que em fertilidade egualam, excedem mesmo as melhores do mundo; não basta que essas terras abundem em produção naturaes, que despertem a cobiça do trabalhador menos ambicioso mostrando-lhe a natureza seus valiosos fructos, prompto por assim dizer a serem colhidos; não basta que esses terrenos se achem em parte cobertos de annosos troncos, de frondosas arvores, que só esperam ser derrubadas pela mão do homem para fornecerem as melhores e mais preciosas qualidades de madeira ao commercio e ás artes; não basta mesmo um clima sadio como o dos terrenos que escolhemos; nem, finalmente, a vontade a mais tenaz para conseguir um grande fim, pois que, sem embargo de todos estes elementos, nossos esforços só deram em resultado uma completa decepção.

Tão pouco se pôde attribuir o máo exito desses esforços a erros administrativos nos meios de que se lançou mão. Para attrahir opportunamente a verdadeira colonização era preciso dispôr os elementos necessarios; e, pois, contrahir um forte numero de trabalhadores que viessem derrubar as matas, fazer plantações dos principaes generos de alimentação vegetal, levantar cabanas e estabelecimentos industriaes de natureza a satisfazer as necessidades primitivas de futuras povoações agricolas, parecia na verdade o meio mais racional, senão o único, de conseguir-se mais tarde o grande fim que tinhamos em vista; tudo porém falhou; não só porque o

pessoal dos colonos, por sua má indole, não satisfez, como mesmo pelo principio economico do que o trabalho procura o emprego de que póde auferir maior proveito, sendo certo que no Amazonas o braço vigoroso que trabalhe por sua conta, encontrará por longo tempo uma remuneração mais proveitosa do que o mais pinguo salario que a industria ou a agricultura possam pagar.

### III

- 61 O primeiro artigo do Sr. Elisée Reclus nos levaria muito longe se não tivéssemos pressa de acabar o que estamos escrevendo.
- 62 Pode ser que ainda tornemos a elle, se o julgarmos preciso; agora porém vamos concluir acrescentando breves palavras sobre uma questão importante de que tambem se occupa o collaborador da *Revista*.
- 63 A conveniencia de se abrir o Amazonas ao commercio do mundo é por todos os brasileiros reconhecida, e hoje é apenas uma questão de oportunidade.
- 64 Antes que o Sr. Elisée proclamasse na imprensa franceza esse pensamento generoso e civilizador, já no Brasil na tribuna universal e na do parlamento se tinha sustentado a mesma causa com vigor e eloquencia.
- 65 Liberdade de navegação do Amazonas, questão de escravidão e outras ainda de elevada transcendencia, hão de ser decididas pelos poderes publicos do Brasil com prudencia e patriotismo, sem que, nós o dizemos bem alto ao Sr. Elisée Reclus, sem que “os ribeirinhos do Amazonas rompam toda a solidariedade com os seus compatriotas do sul.”
- 66 As palavras que sublinhamos offerecem um conselho que repugna aos sentimentos dos brasileiros de qualquer e de todas as províncias do imperio.
- 67 Apesar do que de nós dizem e propalam os Avé Lallemand, Biard e outros, temos bastante criterio, bastante luz e civilização para ver, distinguir e reconhecer uma taça envenenada que nos apresentam com o sorriso nos labios.
- 68 Deixando as terras do Amazonas, o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* vem no seu segundo artigo considerar as provincias do littoral brasileiro do cabo de S. Roque para o sul, e faz notar o contraste que observa entre paizes ricos e no entanto quasi desertos, esses que acabara de visitar, e a zona que lhe succede, e onde brilha uma civilização relativamente avançada.
- 69 No empenho de explicar esse contraste o Sr. Elisée Reclus entende que o problema facilmente se resolve com as correntes maritimas que indicavam preciamente a direcção que seguiriam os colonos europeus, e com as tempestades que arrebatavam os navio e os faziam naufragar nas praias, marcando os pontos onde se elevariam um dia as grandes cidades do Brasil.
- 70 Ainda bem que em seguida se lembra o escriptor francez do clima das procincias do sul, que muito melhor explica a mais constante direcção dos emigrantes europeus para esta parte do imperio; se assim não fôra, haveria ensejo para lamentar que o Sr. Elisée Reclus fosse pedir ás correntes maritimas e ás tempestades a resolução do problema, resolução que além do clima a historia claramente offerece.
- 71 As correntes marítimas concorreram muito para o descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral; mas certamente não influíram na colonisação: as tempestades ainda menos: um único naufragio teve lugar em sitio visinho daquelle, onde as levantou uma

das nossas maiores cidades; foi o de Diogo Alvares em Itaparica; não é porém a este naufragio que se deve a fundação da primeira capital do Brasil.

- 72 A mais prompta colonisação das provincias do sul teve outras causas: o favoravel clima é uma das primeiras; a necessidade de expellir os Francezes do Rio de Janeiro apressou a fundação desta cidade, que influiu logo muito sobre o sul, e que avultou de importancia pela excellencia do seu porto, e communações com as terras das Minas-Geraes, onde as riquezas meneraes foram logo reunindo multidões de aventureiros: os receios da Hespanha no Prata e as guerras do sul determinaram enfim a rapida povoação da nossa provincia mais meridional.
- 73 Deixemos esta questão de parte e acompanhemos o Sr. Elisée Reclus na sua curiosa visita; mas acompanhemo-lo com cuidado, pois que realmente não é um guia seguro.
- 74 Começa fazendo do monte *Paschoal* uma ilha *Paschoal* a que aporta Cabral descobrindo o Brasil, e situa *Porto Seguro* em uma praia vizinha da ilha por elle imaginada.
- 75 Descrevendo ligeiramente a cidade do Rio de Janeiro, contempla arrebatado a magnificencia da natureza, e faz sobresahir o Corcovado e os *Tres Irmãos*.
- 76 Deixando que o engenheiro Sr. Biard o leve pela mão, entra em 1858 na nossa academia das bellas artes e ali encontra nove professores e apenas um auditorio de tres alumnos.
- 77 Discorrendo sobre a vida e costumes dos negros escravos, e fallando dos cantos rudes entoados por elles nas ruas da cidade quando se occupam do serviço de cargas, informa em uma nota que alguns *senadores* fatigados desta melopes que se ouve constantemente no Rio de Janeiro, fizeram promulgar um decreto prohibindo aos negros o esotar durante o seu trabalho, o que tornou estes infelizes tão fracos, tão abatidos, tão doentes e preguiçosos que foi preciso revogar sem demora o celebre decreto.
- 78 Informa ainda que depois do *bill* Aberdeen, o trafico de Africanos continuou vigoroso, porque os negreiros tinham a certeza de vender no Brasil cada escravo por 400 francos (cerca de 150\$!)
- 79 Lembrando alguns facos da nossa historia, o Sr. Elisée Reclus nos ensina que houve uma revolta de *cabaneiros* nas provincias do norte e nas margens do Amazonas, revolta que ainda considera uma *insurreição servil*.
- 80 Diz-nos que a revolta do Rio-Grande do Sul rebentou em 1831.
- 81 Informa-nos que os *mulatos* e os *negros* em 1838 se apoderaram da Bahia, organisaram um governo regular e resistiram por muitos dias a um sitio e bloqueio rigorosos.
- 82 Conta-nos que em 1840 e 1841 rebentou outra revolta mesmo ás portas do Rio de Janeiro e que durante mais de um anno a provincia de Minas-Geraes se conservou em poder dos insurgentes.
- 83 Observa que o governo imperial vigia com tanta anxiedade a provincia de Pernambuco sempre inquieta, que em seus mezes, de novembro de 58 a junho de 1859, teve de mandar-lhe cinco diversos presidentes.
- 84 Diz que além das insurreições servis do Pará, de Pernambuco (a dos *cabaneiros*) a da Bahia (a de 1838), as próprias revoluções de Minas Geraes e do Rio-Grande do Sul que tinham um character mais especificamente politico, ameaçaram degenerar em uma verdadeira guerra de raças.
- 85 Refere, e felizmente neste caso cita o veracissimo testemunho do Sr. Avé Lallemand, e o Sr. Lallemand é médico, e o era no Rio de Janeiro, refere, dizemos, que medicos

- especuladores anunciam pelas folhas periodicas que compram negros doentes, e que fazem taes transacções para curarem esses escravos e depois vendê-los por alto preço.
- 86 Conta que ha senhores que por vaidade enfeitam com as suas próprias joias as suas escravas para dar aos estrangeiros alta idéa da riqueza que possuem, embora um instante depois mandem açoutar as infelizes ainda adornadas com os seus adereços e perolas.
- 87 Poderíamos ir adiante; mas parece-nos de sobra o que copiamos do artigo do Sr. Elisée Reclus para demonstrar que o seu trabalho perde qualquer merecimento que chegaria a ter a algum respeito; porque não pode nem deve escrever sobre um paiz quem tão pouco sabe da sua historia, da sua geographia e dos costumes do seu povo.
- 88 Tantos erros, tão falsas apreciações, tantas injustiças davam-nos o direito de rejeitar *in limine* o trabalho do Sr. Elisée Reclus: são erros imperdoaveis, são apreciações pueris e extravagantes, são injustiças tão manifestas que nós os apontamos sem corrigir os primeiros, e sem responder ás outras; mas nem por isso desconhecemos a verdade que apparece em uma ou outra das observações do collaborador da *Revista dos Dous Mundos*.
- 89 Por exemplo: diz elle, e é verdade, que nas nossas principaes cidades temos despendido sommas fabulosas em pagar primas-donas, esquecendo obras de primeira necessidade.
- 90 Faz algumas considerações razoaveis sobre o entusiasmo com que empreendemos ás vezes grandes trabalhos sem de antemão studia-los bastante; de modo que nos acontece perder cabedal e tempo, que poderíamos ter aproveitado em obras mais bem pensadas.
- 91 Discorre perfeitamente, e isso era facil, sobre a necessidade de multiplicar as nossas vias de communicação, approximando por meio dellas as provincias longínquas da capital do imperio.
- 92 Mas o Sr. Elisée Reclus tem um máu genio que incessantemente se esforça para descia-lo do bom caminho: esse máu genio é mais do que o Sr. Biard, é o Sr. Avé Lallemand.
- 93 Depois de muitas e longas reflexões sobre o trabalho escravo no Brasil, reflexões justas umas vezes, e outrs inexactas, e fundadas em bases falsas, o Sr. Elisée Reclus passa a considerar a colonisação, e especialmente os colonos allemães, e então entrega-se de olhos fechados ao Sr. Avé Lallemand, que o conduz aonde o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* certamente não quizera ter ido, pois que não temos razão alguma de suppô-lo desejoso de cahir e de perder-se no feio abysmo da diffamação e da falsidade.
- 94 O Sr. Elisée Reclus principia condemnando o systema de parceria e de salario em materia de colonisação e preconizando a emigração espontanea.
- 95 Incliamo-nos não pouco para esta opinião do collaborador da *Revista*; mas nem por isso entendemos que na pratica da colonisação um systema seja absolutamente, e em todas as circumstancias, o melhor e único adoptavel.
- 96 Entretanto não é neste ponto que o Sr. Elisée Reclus vae mal e se perde: aqui deixou-se guiar pela própria intelligencia; mas descendo á relação e á apreciação de alguns factos, não falla mais por si, é o écho da voz do Sr. Avé-Lallemand.
- 97 Estudando a organisação e o estado de diversas colonias allemãs, passa elle em revista as estabelecidas no Rio Grande do Sul e em Santa Catharina, e é ainda inexacto em algumas das suas informações, especialmente a respeito das primeiras; ao menos porém não encontra nellas Brasileiros algozes, nem barbaras matanças.
- 98 É verdade que pensando e escrevendo assim, serve elle ao seu principio e demonstra com esses factos como a *propriedade* moralisa, eleva e felicita o colono, o migrante, que pelo

- contrario se encontra sempre desgraçado e offendido em seus direitos nas colonias das parcerias ou naquellas em que trabalha por salario; mas, seja ou não por isso, o Sr. Elisée Reclus não foi cruel, nem injusto comnosco, tratando das colonias do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina.
- 99 Antes, porém, de haver chegado a essas colonias, já o Sr. Elisée Reclus tinha considerado a colonização do Mucury, e obedecendo á inspiração do seu máu genio; derramado todo o fel da diffamação que na fonte envenenada bebêra, sobre um distincto Brasileiro que não conhece, e sobre estabelecimentos coloniaes de que não tem idéa alguma, que não seja mais ou menos falsa.
- 100 O collaborador da *Revista dos Dous Mundos* depois de referir como pôde e como quiz o começo e desenvolvimento da companhia do Mucurym e da respectiva colonização, acompanha o Sr. Avé-Lallemant ao Mucury em 1859, isso é, conta o que contára este famoso viajante modelo, averbando a calumniosa relação com insinuações perfidas e profundamente injuriosas.
- 101 Para que repetirmos o que todos leram com indignação em uma época ainda bem recente?...
- 102 Bastam quatro palavras para assignalar esta nova edição daquelles improvisos.
- 103 O Sr. Elisée Reclus descreve o seu viajante modelo, o Sr. Avé-Lallemant, desembarcando em S. José de Porto-Alegre, e logo alli encontrando duas famílias de emigrantes abarracados na praia e no estado da maior miseria: não tinham querido sujeitar-se ás duras condições impostas pelo director da companhia de Mucury, e instinctivamente haviam procurado o mar, que único lhes poderiam offerecer soccorro.
- 104 A fome e o typho punham em horriveis torturas esses desgraçados. Seguindo a sua viagem de observação, o Sr. Lallemant continúa a presenciar eguaes miserias: aqui a peste – ali uma colonia deserta – na própria colonia de Santa Clara a epidemia fazendo horriveis estragos – em Philadelphia a devastação das modestas plantações dos emigrantes.
- 105 A tanto horror, a tão barbaro e inqualificavel abandono dos colonos, acudiu felizmente o Sr. Avé-Lallemant, que denunciou ao governo do Brasil a triste situação dos seus compatriotas no Mucury.
- 106 Eis ahí a historia, e por ella bem se vê que é o Sr. Avé-Lallemant quem falla pela voz do collaborador da *Revista dos Dous Mundos*.
- 107 Mas o Sr. Elisée Reclus devia pensar que o nome do viajante modelo não o salva da responsabilidade de propalador de falsidades: devia comprehender que era da sua obrigação de homem de bem informar-se completamente da verdade dos factos antes de publicar tão graves accusações contra um homem, uma companhia e um governo.
- 108 Contra um homem, porque o director da companhia do Mucury é apresentado como um verdugo e deshumano perseguidor.
- 109 Contra a companhia do Mucury, porque, tolerando esses horriveis abusos do seu presidente, mostrava-se tão barbara como elle.
- 110 Contra o governo, porque o próprio Sr. Elisée Reclus, diz:  
Que a sorte das victimas foi bem depressa esquecida, e a companhia do Mucury obteve do governo um credito de 3,120,000 francos com a garantia de 7 por cento.
- 111 O Sr. Elisée Reclus devia lembrar-se que a sua responsabilidade se tornava muito maior ainda, quando em uma nota deixava cahir no papel em que escrevia uma insinuação tão perfida, que entendemos até indigno de nós repeti-la.

- 112 Devia lembrar-se que assumia toda a responsabilidade dos aleives do Sr. Avé-Lallemant, quando para mais profundamente ferir a reputação do director da companhia do Mucury ia até ao ponto de escrever que o – imperador do Brasil fulminava como indigno o nome daquelle Brasileiro, que a provincia de Minas-Geraes duas vezes propuzera em primeiro lugar em listas para senador, – como se a attribuição constitucional da escolha do senador fosse um raio que ferisse os candidatos não escolhidos!
- 113 E nem ao menos o Sr. Elisée Reclus se informou neste caso dos preceitos da nossa constituição, nem ao menos se limitou a offender o director da companhia, e quiz tambem atacar o imperador do Brasil, calumniando suas intenções seus actos.
- 114 Longe esteve do espirito do Sr. Élisée Reclus tudo isto; mas é innegavel que elle pelo menos peccou por leviandade e precipitação reprehensíveis.
- 115 O Sr. Elisée deveria ter-se informado melhor antes de escrever: e isso era facil, porque correm impressos documentos officiaes que esclarecem perfeitamente essa questão do Mucury.
- 116 Não nos fazemos cargo de defender o Sr. Teophilo Benedicto Ottoni, contra as accusações do Sr. Avé-Lallemant. Tem o Sr. Ottoni adversarios politicos, suas opiniões desagradam a muitos dos seus compatriotas; não ha porém quem deixe de fazer justiça á sua honradez e ao seu coração.
- 117 Não o defenderemos, pois; mas simplesmente faremos recordar alguns esclarecimentos officiaes, que são de sobra para destruir toda essa rede de aleives tecida pelo Sr. Avé-Lallemant.
- 118 Na sua visita a diversas colonias estabelecidas no Brasil, o Sr. Avé-Lallemant chegou á barra do Mucury, que aliás não é nem era o ponto colonial, e ali encontrou *fugitivos* trinta colonos da Associação Central que haviam abandonado a colonia no próprio dia em que tinham chegado, tendo recebido viveres para quinze dias, e não tendo querido nem ao menos ver os lotes de terras que lhes eram destinados; estavam alguns destes colonos atacados de febres intermitentes, de que falleceram tres, achando-se outros naturalemnte abatidos: isto bastou para que o viajante modelo enxergasse naquelle espectaculo a *carnificina do Mucury*, e delle tirasse motivo para o invento de mil falsidades.
- 119 Percorrendo as diversas colonias do Mucury, vendo e observando tudo, encontrando numerosos colonos satisfeitos e alegres, e animação em quasi toda a parte, ainda assim o Sr. Avé-Lallemant descreveu com as mais negras cores a colonisação do Mucury, e fez ao director da companhia terriveis accusações.
- 120 O governo imperial, sciente do que o Sr. Avé-Lallemant participára e prapalára ter observado, mandou ao Mucury successivamente tres commissarios encarregados de examinar o estado daquella colonia.
- 121 O primeiro destes commissarios foi o Allemão F. A. Lichmund, amigo do Sr. Avé-Lallemant, e inimigo pessoal do director da companhia, e ainda assim, no meio de infundadas censuras, disse no seu relatório, fallando da colonia de Santa Clara: “Os colonos que ficaram em Santa Clara em numero de duzentos pouco mais ou menos, em parte são já mais antigos e bem estabelecidos: estes não desejam sahir da colonia.”
- 122 O segundo commissario foi o tenente José Feliciano Bueno Mamoré, que em officio de 27 de abril de 1860 resumiu as informações que deu ao governo imperial nestas poucas palavras: “Tendo ouvido a pessoas desinteressadas, posso affirmar que a peor epidemia que tem reinado nesta colonia e na de Santa Clara doi o Dr. Lallemant.”

123 O terceiro commissario foi o Sr. Dr. Sebastião Machado Nunes, e este digno cidadão fez em um longo relatorio a pintura exacta do estado da colonisação do Mucur, desmentindo as falsas noticias do Dr. Lallemand.

124 Por exemplo: tratando dos colonos de Philadelphia, que o Sr. Avé-Lallemand declara doentes, infelizes e desesperados, aquelle commissario diz:

Tende até aqui exposto V. Exe. As principaes queixas dos colonos, e o que me pareceu haver nellas de verdadeiro e procedente, vou dizer com franqueza a minha opinião ácerca da colonisação do Mucury, e é que o colono que se estabelecer nas immediações de Philadelphia até ao Ribeirão de Areia, d'onde começam as terras de melhor qualidade, e for trabalhador e industrioso, há de conquistar uma posição e fazer fortuna: não posso deixar de formar esta opinião quando o observei entre os colonos modernos (de oito mezes), ao lado de um que quasi nada tinha feito, outro que apresentava resultados taes que surprenderam, accusando todos a mesma falta...

125 De Santa Clara, ondem segundo o Sr. Avé-Lallemand, estavam os colonos morrendo de fome, observa o commissario o seguinte:

Com taes elementos, a epidemia que houve, fazendo degenerar em typhos as febres intermitentes, próprias do lugar, é um facto que naturalmente se explica. A outras causas não posso eu attribuir a defecção dos colonos de Santa Clara, sendo certo que nunca lhes faltou o alimento, pois alguns generos de que houve falta por pouco tempo foram substituidos por outros de que havia abundancia no armazem da companhia, como a farinha de trigo, que lhes foi distribuida com profusão, o bacalháo, etc.

Se os colonos tivessem procurado conjurar a crise, muito provavelmente o teriam conseguido; e a prova está em que os mais antigos, que viviam em suas casas, fóra dos focos de infecção creados por áquelles, a atravessaram quasi incolumes, não tendo succumbido um só.

Se em Santa Clara se deram as causas que ficam apontadas para a defecção dos colonos, outro tanto não succedeu em Philadelphia, onde o clima é benigno, e não houve epidemia, nem falta de mantimentos, estando todos situados em lugares convenientes nas margens dos ribeirões.

Estes colonos foram evidentemente arrastados pela torrente que se desprende em Santa Clara e seduzidos com promessas fallazes que imprudentemente lhes fez alguém, servindo-se do nome do governo.

126 A estas informações officiaes poderíamos juntar muitas outras de igual importância, mas força é que não estendamos demasiadamente este artigo; no entanto é impossivel esquecermos o testemunho de tres pessoas autorisadas pela sua posição, e pelas commissões que desempenhara.

127 Em 1860 o Sr. deputado Theophilo Ottoni, o director da companhia do Mucury, pronunciou na camara dos Srs. deputados em discurso, em que discorrendo sobre aquella companhia, e patenteando a toda a luz a falsidade das accusações do Sr. Avé-Lallemand, enunciou proposições censurando o Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, então ministro da agricultura, commercio e obras publicas, a quem de certo modo responsabilisava em parte pelos abusos e pela influencia maligna daquelle viajante estipendiado pelo governo.

128 O Sr. conselheiro Manoel Felizardo de Souza e Mello, respondendo ao Sr. deputado Theophilo Ottoni, disse então:

Eu não diria palavra, Sr. presidente, sobre tudo quanto o nobre deputado expoz a respeito da empreza do Mucury; approvaria com o meu silencio a indignação que mostrou contra as perversidades e loucuras do homem tantas vezes estigmatizado;

não proferiria uma palavra sobre todo esse longo tópico do discurso do nobre deputado, se não me tivesse feito uma injustiça que eu não poderia esperar da ilustração do nobre deputado. Não era possível, Sr. presidente, que um homem na minha posição, sem estar completamente varrido de juízo, approvasse, quanto mais aconselhasse e ordenasse tantas indignidades.

129 E depois de algumas outras observações, continuou fallando do Sr. Avé Lallemand:

A capacidade do indivíduo, o seu character, nos eram inteiramente desconhecidos: não sabemos quem era o Sr. Lallemand; nunca tinhamos tido relações com elle; sabiamos que era um medico que havia muitos annos estava no paiz; não sabemos quaes eram as suas intenções e suas idéas sobre colonisação; só pessoa ligada a elle o poderia saber, e essa pessoa o affiançava.

(...)

Ora, que culpa posso eu ter, se esse homem trahiui áquelle que o apresentou? Serei eu por isso responsavel? Não é isso uma injustiça grave que me faz o nobre deputado?... se o nobre deputado, cujos trechos hontem foram aqui lidos, se ali há calumnia, perversidade e mentira, permitta-se-me a expressão, que peso pode dar-se a uma carta, em que elle diz – por sua causa estou aqui? – Se eu tenho pintado o homem tal qual o considero agora, se tenho estygmatisado o seu procedimento, como poderi ser complice com elle?...

130 Eis ahi o Sr. Lallemand julgado por um ministro da corôa, a quem o Sr. Theophilo Ottoni fazia opposição, e de quem é adversario politico.

131 No relatório da liquidação da companhia do Mucury por parte do governo, relatório que não pode ser suspeito como redigido por algum amigo pessoal do ex-diretor da companhia, não menos se desmentem as invenções calumniosas do Sr. Lallemand.

132 Eis o que se lê em duas paginas desse documento.

133 Em referencia aos trabalho da companhia em 1859, diz o relatório:

A colonisação era o maior, senão exclusivo afan da companhia.

Á timidez primitiva sobre este objecto succedera um febril ardor.

Á parcimonia em trazer emigrantes, seguira-se a avidez de alcança-los promptos e em grande numero, de modo que o Mucury chegou momentaneamente a rivalisar com as mais fortes emprezas colonisadoras do imperio.

Resultado em parte desse proceder da companhia, e em parte filho de uma ruim fatalidade, deu-se o facto de se acharem accumulados mais de 500 emigrantes na época pestifera do anno, e no lugar mais insalubre do Mucury.

Sefuiu-se o lugebre e doloroso painel que o paiz contemplou, e cujos traços não são deste lugar.

É justiça no entanto dizer que, se de imprevidencia foi culpada a companhia nesse fatal desastre, muitos esforços envidou ella depois para resgatar o seu erro ou attenua-lo.

Quanto ás terras, cuja propriedade a companhia adquiriu, nada é preciso que eu diga, visto que a legitimação de 291,013,969 braças quadradas foi feita segundo as instrucções e explicita approvação de diversos presidentes da provincia de Minas, que estão muito alto collocados para necessitarem de defeza. Fallo dos Srs. senadores F. D. Pereira de Vasconcellos, Herculano Ferreira Penna e Carneiro de Campos, e do actual presidente de Santa Catharina padre Vicente Pires da Motta.

134 E mais adiante, tratando da improvisada carnificina e das accusações feitas por isso ao director da companhia, ou a esta, assim falla o mesmo documento:

É por demais dizer que se a defeza que de si fez a companhia parece insufficiente, as accusações que lhe foram assacadas tem muito de declamatorias e até de calumniosas.

A verdade singela, importa neste caso a exacta apreciação dos successos.

A insalubridade periodica do Mucury se pronuncia, todos os annos com bastante



energia para dispensar auxiliares, e se no maior numero de casos as febres intermitentes cedem a um acertado tratamento o seu melhor antidoto é a mudança de estação, ou a transferencia de doentes para localidade diversa, sobre tudo para a Philadelphia.

Consequentemente a responsabilidade da companhia não pode ir alem do facto da sua imprevidencia, por que é innegavel que revelado o mal não poupou esforços para o combater.

Não só deixou de calcular sobre as despezas que um melhor tratamento dos colonos devia trazer-lhe, mas ainda fez sacrificios de todo o genero para que nada lhes faltasse; ainda mas, o proprios director da empreza e seu irmão Dr. Ernesto Benedicto Ottoni, se apresentaram no meio do flagello, exemplificando assim uma louvavel dedicação.

- 135 O barão de Tchudy, que viajou pelo Brasil com o fim determinado de estudar a vida e estado dos colonos allemães estabelecidos no nosso paiz, é lembrado com a mais justa consideração pelo Sr. Elisée Reclus; admira porem que o collaborador da *Revista dos Dous Mundos* se esquecesse deste sabio allemão, quando tratou do Mucury.
- 136 Repetiremos ao Se. Elisée Reclus algumas palavras do barão de Tchudy, tirando-as de um artigo sobre o Mucury, que elle fez imprimir na *Gazeta Universal de Aupsburgo*.
- 137 O sabio Allemão declara que encontrou no Mucury poucos colonos queixosos, mas que mesmo nestes casos, examinando a questão de mais perto, achou que a culpa era dos mesmos queixosos.
- 138 Referindo-se a todos os colonos desde Philadelphia até Santa Clara, sustenta que a “situação delles em geral é satisfactoria, que com poucas excepções lhe asseguráram todos que a directoria cumpre conscienciosamente os seus contratos.”
- 139 Copiaremos ainda as seguintes informações que se acham no mesmo artigo:  
Como na mór marte das colonias, tambem no Mucury o emigrante morigerado e intelligente consegue em pouco tempo uma posição proporcionalmente boa, que elle vae de anno em anno melhorando pela sobriedade, pelo trabalho assiduo e pela economia, alcançando emfim um resultado que não lhe fora dado esperar na Europa.
- 140 (Continuar-se ha)
- 

## NOTAS

1. RECLUS, Élisée. **O Brasil e a Colonização**. São Paulo: Imaginário, 2011